



**Português de 12.º ano**

**Educação Literária**

***Memorial do Convento***

**Aula n.º 2**



## A história de amor de Baltasar e Blimunda

***“Era uma vez um soldado maneta e uma mulher que tinha poderes.”***

**Casamento e amor no romance**

**Reflexão sobre a mulher**



## D. Maria Ana de Áustria

- Religiosa, devota, dedicada à oração
- Encara o ato sexual como um dever matrimonial (dever carnal)
- Postura passiva; sexualidade reprimida
- Sonhos (libertação dos desejos reprimidos)

• **Capítulo 1**

## Pela voz do narrador...

“[...] mas há quem prefira a oração, é o caso da rainha, **devota parideira** que veio ao mundo só para isso, ao todo dará seis filhos, mas de preces contam-se por milhões mas aonde ela não se atreve a ir sabemos nós, é ao convento de Odivelas, todos adivinham porquê, **é uma triste e enganada rainha que só de rezar não se desengana**, todos os dias e todas as horas deles, ora com motivo, ora sem certeza de o ter, **pelo marido leviano**, pelos parentes tão longe, pela terra que não é sua, e filhos só por metade, [...]”

• **Cap. 10**

## Pela voz do narrador...

“[...] , ou ainda menos, como jura o infante D. Pedro no céu, pelo império português, pela peste que ameaça, pela guerra que acabou, por outra se começar, pelas infantas cunhadas, pelos cunhados infantes, por D. Francisco também, e a Jesus Maria José, **pelas angústias da carne**, pelo prazer entrevisto, se adivinhado entre pernas, pela custosa salvação, pelo inferno que a cobiça, **pelo horror de ser rainha, pelo dó de ser mulher** pelas duas mágoas juntas, por esta vida que vai, por essa morte que vem.”

• **Cap. 10**

• **Relação artificial, sob falsos códigos éticos, morais e religiosos**

## Diálogo mãe-filha



“Olha, minha filha, os homens são sempre uns brutos na primeira noite, nas outras também, mas esta é pior, [...] e as **pobrezinhas** de nós não temos mais remédio que sofrer-lhes os assaltos até conseguirem os seus fins, [...] **do sofrimento ninguém nos livra,**[...].

• Cap. 22

• **Resignação, aceitação de um papel subalterno na relação**

## Diálogo mãe-filha

[...] **Minha filha e futura rainha**, não retires ao tempo que deve ser de oração o tempo de vãos pensamentos, tais são esses, a real vontade de teu pai e, senhor nosso quis que se levantasse o convento, a mesma real vontade quer que vás para Espanha e o convento não vejas, **só a vontade de el-rei prevalece, o resto é nada**, Então é nada esta infanta que eu sou, nada os homens que vão além, nada este coche que nos leva, nada aquele oficial que ali vai à chuva e olha para mim, nada, **Assim é, minha filha**, e quanto mais se for prolongando a tua vida, melhor verás que o mundo é como uma grande sombra que vai passando para dentro do nosso coração, por isso o mundo se torna vazio e o coração não resiste, Oh, minha mãe, que é nascer, **Nascer é morrer, Maria Bárbara.**”

...E TIA  
AND  
BLIMUNDA

José Saramago



***A história de amor de Baltasar  
e Blimunda***

***Sob o signo da transgressão***

## Atração mútua

“Porém; agora, em sua casa, choram os olhos de Blimunda como duas fontes de água, se tornar a ver sua mãe será no embarque [...].

[...] Baltasar Mateus, o Sete-Sóis, está calado, **apenas olha fixamente Blimunda**, e de cada vez que ela o olha a ele sente um aperto na boca do estômago, porque olhos como estes nunca se viram, claros de cinzento, ou verde, ou azul, que com a luz de fora variam ou o pensamento de dentro, e às vezes tornam-se negros noturnos ou brancos brilhantes como lascado carvão de pedra. Veio a esta casa **não porque lhe dissessem que viesse, mas Blimunda perguntara-lhe que nome tinha e ele respondera, não era necessária melhor razão.**”

## Liberdade de escolha

“Por uma hora ficaram os dois sentados, **sem falar**. Apenas uma vez Baltasar se levantou para pôr alguma lenha na fogueira que esmorecia, e uma vez Blimunda espevitou o morrão da candeia que estava comendo a luz, e então, sendo tanta a claridade, pôde Sete-Sóis dizer, Por que foi que perguntaste o meu nome, e Blimunda respondeu, Porque minha mãe o quis saber e queria que eu o soubesse, Como sabes, se com ela não pudeste falar, **Sei que sei**, não sei como sei, não faças perguntas a que não posso responder, **faze como fizeste, vieste e não perguntaste porquê**, [...]”.

• Cap. 5

# Transgressão dos códigos da época

“E agora, **Se não tens onde viver melhor, fica aqui**, Hei-de ir para Mafra, tenho lá família, **Mulher**, Pais e uma irmã, **Fica, enquanto não fores, será sempre tempo de partires**, Por que queres tu que eu fique, **Porque é preciso**, Não é razão que me convença, **Se não quiseses ficar, vai-te embora, não te posso obrigar**, Não tenho forças que me levem daqui, deitaste-me um encanto, **Não deitei tal, não disse uma palavra, não te toquei**, Olhaste-me por dentro, **Juro que nunca te olharei por dentro**, Juras que não o farás e já o fizeste, **Não sabes de que estás a falar, não te olhei por dentro**, Se eu ficar, onde durmo, **Comigo.**”

• Cap. 5

# Sacralização do amor

“Deitaram-se. Blimunda era virgem. Que idade tens, perguntou Baltasar, e Blimunda respondeu, Dezanove anos, mas já então se tornara muito mais velha. Correu algum sangue sobre a esteira. Com as pontas dos dedos médio e indicador humedecidos nele, **Blimunda persignou-se e fez uma cruz no peito de Baltasar, sobre o coração. Estavam ambos nus.** Numa rua perto ouviram vozes de desafio, bater de espadas, correrias. Depois o silêncio. Não correu mais sangue.

Quando, de manhã, Baltasar acordou, viu Blimunda **deitada ao seu lado**, a comer pão, de olhos fechados. Só os abriu, cinzentos àquela hora, depois de ter acabado de comer, E disse, **Nunca te olharei por dentro.**”

• Cap. 5



## O casal modelo: Sete-Sóis e Sete-Luas

- Simplicidade e espontaneidade
- Fusão de duas individualidades numa só (colher partilhada)
- Não há casamento formal, mas uma união abençoada
- Relacionamento instintivo e genuíno
- Laço de sangue eterno entre os dois

## Amor na velhice

Baltasar não tem espelhos, **a não ser estes nossos olhos que o estão vendo** a descer o caminho lamacento para a vila, e eles são que lhe dizem, Tens a barba cheia de brancas, Baltasar, tens a testa carregada de rugas, Baltasar, tens encorreado o pescoço, Baltasar, já te descaem os ombros, Baltasar, nem pareces o mesmo homem, Baltasar, mas isto **é certamente defeito dos olhos que usamos**, porque aí vem justamente uma mulher, e onde **nós víamos** um homem velho, vê ela um homem novo, o soldado a quem perguntou um dia, Que nome é o seu, ou nem sequer a esse vê, apenas a este homem que desce, sujo, canoso e maneta, Sete-Sóis de alcunha, se a merece tanta canseira, mas é um constante sol para esta mulher, não por sempre brilhar, mas por existir tanto, escondido de nuvens, tapado de eclipses, mas vivo, [...]

• Cap. 23

## Amor na velhice

“[...] Santo Deus, e abre-lhe os braços, quem, abre-os ele a ela, abre-os ela a ele, ambos, **são o escândalo da vila de Mafra, agarrarem-se assim um ao outro na praça pública, e com idade de sobra**, talvez seja porque nunca tiveram filhos, talvez porque se vejam mais novos do que são, **pobres cegos**, ou porventura serão estes os únicos seres humanos que como são se veem, **é esse o modo mais difícil de ver**, agora que eles estão juntos **até os nossos olhos** foram capazes de perceber que se tornaram belos.”

• Cap. 23

# Intervenção do narrador

- “Há muitos modos de juntar um homem e uma mulher [...]” (Cap. 10) - **casamento religioso ou união de facto?**

## 1. Valorização do amor de Baltasar e Blimunda:

1.1 “apenas se olharam, **olharem-se era a casa de ambos**” (Cap. 10)

1.2 “que entre **o amor** dos que ali dormiram e **a santa missa** não há diferença nenhuma” (Cap. 12);

1.3 “É Vénus e Vulcano [...] **perdoemos-lhe** a óbvia comparação clássica” (cap. 14)

**2. Postura crítica** : relação rei-rainha e casamento entre príncipes e princesas de Portugal e Espanha: troca comercial e diplomática.

## A saga de Blimunda: fidelidade e constância

“Nove anos procurou Blimunda. Começou por contar as estações, depois perdeu-lhes o sentido. [...]”

Quantas vezes imaginou Blimunda que estando sentada na praça duma vila, a pedir esmola, um homem se aproximaria e em lugar de dinheiro ou pão lhe estenderia um gancho de ferro, e ela meteria a mão ao alforge e de lá tiraria um espigão da mesma forja, **sinal da sua constância e guarda, [...]**”

• **Cap. 25**

## A saga de Blimunda: fidelidade e constância

“Milhares de léguas andou Blimunda, quase sempre descalça.  
[...]

Não se lembra de mim, chamavam-me Voadora, **Ah, bem me lembro, então achou o homem que procurava,** O meu homem, **Sim esse,** Não achei, **Ai pobrezinha,** Ele não terá aparecido por aqui depois de eu ter passado, **Não, não apareceu, nem nunca ouvi falar dele por estes arredores,** Então cá vou, até um dia, **Boa viagem, Se o encontrar.”**

• **Cap. 25**

## A perpetuação do amor

**“Encontrou-o.** Seis vezes passara por Lisboa, esta era a sétima.  
[...]

São onze os supliciados. A queima já vai adiantada, os rostos mal se distinguem. Naquele extremo arde um homem a quem falta a mão esquerda. Talvez por ter a barba enegrecida, prodígio cosmético da fuligem, parece mais novo. E uma nuvem fechada está no centro do seu corpo. **Então Blimunda disse, Vem.** Desprendeu-se a vontade de Baltasar Sete-Sóis, **mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia e a Blimunda.”**

• **Cap. 25**



## Baltasar e Blimunda

- **Amor incondicional**
- **Fidelidade e constância**
- **União perfeita:** partilha de objetivos e de afetos, busca do prazer mútuo, mistério, complementaridade, respeito...
- **Eternização do amor para além da morte,** através da vontade humana

## Para “desassossegar” ...

“As minhas personagens verdadeiramente **fortes**, verdadeiramente **sólidas** são sempre **figuras femininas**. [...]

Se calhar, é porque tenho a esperança de que, talvez um dia, **a mulher assuma a sua responsabilidade total** e não permita que continue a ser uma espécie de sombra do homem, presente apenas para cumprir o que o homem decidir.”

• **José Saramago**

